

# O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO—Aquarellas, O parasita—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—A hospitalidade no Brasil (Uma excursão por Minas)—Opera nacional—Uma alma remida (lenda)—O mar e a vida—Revista dos teatros—Poesias, A morte de Junqueira Freire—Louvores á Deus—Notícias e mão.

## Aquarellas.

### II.

#### O PARASITA.

(Continuação.)

O parasita litterario tem os mesmos traços psychologicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinhade latente com o sanqueiro litterario. A unica diferença está nos fins, de que se affastam logoas; aquelle é por ventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniario — que parece inspirar o sanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita litterario; senta-se a ella com toda a sém ceremonia; come e distribue pratos com o sangue frio mais alle-mão deste mundo — diante da pacienza publica — quo vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da litteratura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquella personagem que todos tem visto em um drama nosso.

De feito, este parasita é um Vieirinha, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocal-as. Só não sobe ao monte sagrado, porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais serias. Ali, ficam elles nas fraldas, soltando uma orchestra de gemidos, até que o velho cavallo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofrivelmente acerba.

Um couce é sempre uma resposta ás suas supplicas... Represalia no caso.

Eterna lei das compensações !

Entre nós o parasita litterario é uma individualidade que se encontra a cada canto. É facil verificá-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquella mesa intellectual, um chuviceiro de prosa ou verso, sem dizer — agua vai!

Verificai-o !

O jornal aqui não é propriedade, nem da redacção nem do publico, mas do parasita. Tem tambem o livro, mas o jornal é mais largo, e mais facil a contel-os.

A's vezes o parasita associa-se e crê um jornal proprio.

Aqui é que não ha escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate ! E' o rei Sancho na sua ilha !

Elle pode parodiar o dito historico: *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis paginas, na verdade, são d'elle, todas delle. Elle pode gritar alli, ninguem lhi o impedirá, ninguem; uma vez que não offend a moral publica. A polícia pára onde começa o intellectual e o senso communum; não são crimes no código as offensas a esses dois elementos de sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita litterario invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decencia moral nos labios, mas sem a decencia intelectual.

Tem pois o jornal, proprio ou não proprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. So desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro !

Tem ainda o livro, sim. Meia duzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos tem direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsar-o, é que é heroico e digno de pasmo.—O que ha por ali,

santo Deus ! Se é um volume de versos—temos nada menos que uma colleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laberiosamente em harpas selvagens como um tamoyo. Se é prosa—temos um apontoado de phrases descabelladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. E' muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quizesse ferir individualidades, tocar em susceptibilidades, desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na litteratura ; mas o meu fim é o individuo, e não um individuo.

O parasita litterario vai ainda aos theatros. Esta invenção de recitar nos theatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a Odysséa, abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a polícia, não indaga de mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma cousa que fira a moral. Se não, pôde invadir a paciencia publica.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita litterario. As solas dos nossos theatros tem repercução imensas vezes com esses arranhamentos de lyra. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição ; a platéa deve receber aquelle aguaceiro intellectual.

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita litterario o vampiro da paciencia humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo ? adeptos, sympathias, aplausos !

Ha quem lhes faça crer que alguma cousa lhes rumina pela cabeça como a André Chenier; elles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitem como principio evidente, essa solução de impossível, quo a parvoice lhe dá de boa vontade.

Que gente !

Os traços physiologicos do parasita são especiaes e caracteristicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e photographias. Assumem a certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmatico nas palavras ; e ao contrario do fanqueiro que tem a espinha dorsal molle e flexivel — elle não se curva nem se torce ; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, ha a modestia nas palavras ou certo abatimento, quo faz lembrar esse *ninguem elogiado* da comedia. Mas ainda assim vem a affectação ; o parasita é o primeiro que está consciencia de que é alguma cousa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente !

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma

cousa para a sociedade, honrar a massa nacional, contendo-se na sua esphera propria; mas nada, sahem uma noite da sua nullidade e vão por ahí matando a ferro frio...

E' que tem o evangelho diante dos olhos... Bemaventurados os pobres de espírito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vertebras da sociedade. Entra na igreja na politica e na diplomacia ; ha laivos d'elle por toda a parte.

A igreja sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incantos, das turbas. Transforma o altar em balcão e ambula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstição, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A historia é uma larga tela dessas torpezas, commetidas à sombra do culto.

O parasita da igreja toda a idade media o viu transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bullas. Mediante o ouro applanou as dificuldades do matrimonio quando existiam ; depois, levantou a abstinencia alimental, quando o crente lhe dava em troco uma bolsa.

E' um desmoronamento social. O parasita teve uma famosa idéa em embrigar-se pela igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnifica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoralisa a igreja, pollue a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das familias, sem haver sacudido o po das torpezas que lhe nodora as sandalias. Diminou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciencias virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer ; a fogueira de J. Huss, não queimou só o grande apostolo, devorou tambem o vestibulo desse edifício de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cupola.

Em politica, galga, não sei como, as escadas do poder, tomado uma opinião ao grado das circumstancias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a fronte levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escandalo.

Exiguo de luz intellectual,— toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maioria. Não pensa mal ! quem a boa arvore se encosta...

Alguns sobem assim ; e todos os povos tem sentido mais ou menos o peso do dominio desses bohemos de hontem.

Deixai-os subir às mesas supremas do festi-

publico. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais facil o ingresso ao parasita. Encarta-se ahí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Pariz ou em Vienna. Lá representam tristemente a patria que os vio nacer, na massa collectiva da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como coripheu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas especies cardeaes. Seria, entretanto, uma longa historia que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarellas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quasi.

Em economia politica é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exactamente a mesma figura que um zangão na republica das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de seculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moraliso.

M—as.

## O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

I.

A CASA DA RUA DE VAUGIRARD.

(Continuado do n. 5.)

Fiz essa tarde com M. de Villenave o mesmo que fazia com todos; e quando cheguei aos tres quartos do seu discurso, em vez de ouvir-o a primeira cousa que fiz foi olhar para elle.

Era um velho de sessenta e quatro a sessenta e cinco annos, bellos cabellos de prata pura, tez pallida, olhos negros e vivos; tinha no trajo aquella especie de casquilharia abstracta dos homens laboriosos, que vestem-se uma ou duas vezes na semana, quando muito, e durante o resto do tempo vivem no pó do gabinete com umas calças velhas, chambres velho e chinellas velhas. A fatiota dos dias duples, composta da camiza de pregas miudas, o casacão, a gravata branca dobrada a ferro, estão aos cuidados da mulher ou da filha, ou da dona da casa emfim.

D'ahi vem o protesto d'esta fatiota tão batida, tão escovada contra a fatiota de todos os dias,

de todas as horas, a qual tem horror á bengalla de juncos e á escova de fato.

M. de Villenave trajava casaca azul com botões amarelos, calça preta, gravata e colete branco.

Que singular machina é o pensamento, esse mecanismo intellectual que anda ou pára independente da vontade, porque é regulado pela mão de Deus, pendula que sôa, a seu talante, as horas do passado e ás vezes do futuro!

Sobre o que se fixou meu pensamento ao ver M. de Villenave? Seria, como eu dizia á pouco em um canto do discurso? Não, era em um canto de sua vida.

Lêra eu ha muito tempo, onde não sei, uma brochura de M. de Villenave, publicada em 1794, intitulada: — *Relação da viagem de 132 Nantenses*.

A este episodio da vida de M. de Villenave se apegará meu espirito, ao vê-lo pela primeira vez.

Com effeito M. de Villenave habitara em Nantes em 1793, isto é, ao mesmo tempo que lá residia João Baptista Carrier de sanguinolenta memoria.

Lá tinha elle visto o proconsul, que achava os processos longos e a guilhotina lenta, suprimir os processos, aliás inuteis, porque nunca salvavam o reo, e substituir á guilhotina os botes de valvula, talvez estivesse no céus do Loire, a 15 de Novembro, quando Carrier, para primeiro ensaio dos seus *banhos republicanos* e suas *deportações verticais* (eram os nomes que elle dava ao novo genero de suppicio que inventara) mandou embarcar noventa e quatro padres, sob pretexto de os transportar para Belle-Isle; talvez estivesse junto ás margens do rio, quando este horrorizado arremessara sobre elles os noventa e quatro cadaveres dos homens de Deus: talvez que elle se indignasse contra aquelle espectáculo, que, ao cabo de pouco tempo, corrompera, repetindo-se todas as noites, a agua do rio, a ponto de ser prohibido beber della: talvez que mais imprudente ainda, ajudara elle a dar sepultura a alguma d'aquellas primeiras victimas, que tinham de ser acompanhadas de tantas outras; o facto é que um dia pela manhã, fôra M. de Villenave preso, lançado no carcere e destinado elle, assim como seus companheiros a levar seu contingente para a corrupção do rio, quando Carrier mudara de idéa. Escolhera cento e trinta e dois presos, já todos condenados, e os mandara marchar sobre Paris, como uma homenagem dos cadasfalsos da provincia á guilhotina da capital: porém apenas tinham partido, tornou Carrier a mudar de opinião: sem duvida a homenagem lhe parecera insignificante, e mandou ao capitão Boussard, commandante da escolta, or-

dem de fusillar seus cento e trinta e dois prisioneiros, logo que chegassem a Aucenis.

Boussard que era um homem de bem, não se importou com a ordem, e seguiu seu caminho para a capital.

Soando isto a Carrier, ordenou ao convencional Hentz, proconsul em Angers, que prendesse Boussard quando passasse, e lançasse ao rio os cento e trinta e dois Nantenses.

Hentz mandou prender Boussard; mas quando se tratou de afogar os cento e trinta e dois prisioneiros, o bronze do seu coração revolucionário, que não era triplicado, segundo parece, derreteu-se, e elle ordenou que as victimas continuassem seu caminho para a capital.

O que fez dizer Carrier, sacudindo a cabeca em signal de desprezo: « Que pequeno afogador é aquelle Hentz, que pequeno afogador! »

Os prisioneiros pois continuaram sua viagem. Dos cento e trinta e dois, trinta e seis morreram antes de chegar a Paris, e os noventa e seis chegaram, felizmente para elles, justamente a tempo de depor como testemunhas no processo de Carrier, em vez de responderem como reos no proprio processo.

E' que o 9 thermidor tinha seado, é que o dia das represalias tinha assomado, é que chegava para os juizes a sua vez de serem julgados, e a Convenção, depois de um mez de hesitação, acabava de processar o grande afogador.

Resultava de tudo isto que pela lembrança da brochura que M. de Villenave publicara ha trinta e quatro annos, quando estava na prisão, tinha eu remontado a cédia do passado, e o que estava vendo o ouvindo já não era um discurso litterario, pronunciado por um professor do Atheneu, porém uma accusação terrível, veemente, mortal, do fraco contra o forte, do réo contra o juiz, da vítima contra o algoz.

E tal é o poder da imaginação que a sala, espectadores, tribuna, tudo, tudo se transformará: a sala do Atheneu tornará-se a sala da Convenção; os ouvintes pacíficos mudáram-se em vingadores exacerbados, e o eloquente professor, o orador de mellifluas palavras, trovejava uma accusação pública, exigindo a morte, e lamentando que Carrier tivesse uma só vida, insuficiente para pagar as quinze mil vidas que cortára.

Eu estava vendo Carrier fulminando a accusação com o olhar soturno, e ouvia a voz estri-dente, com que elle bradava a seus antigos collegas:

« Porque rasão increpar-me hoje o que hon-tam me ordenavam? A Convenção, increpan-do-me, accusa-se tambem a si. Minha condena-ção é a condenação de todos; pensam bem! todos serão envolvidos na proscripção em que eu for envolvido; se tenho culpa, tudo aqui é

culpado; sim, tudo, tudo, até a campainha do presidente»

E apezar de tudo, procedia-se à votação, e Carrier era condemnado. O mesmo terror que urgira na accão, urgia na reacção, e a guilhotina, depois de haver bebido o sangue dos condemnados, bebia, imperturbavel, o sangue dos juizes e dos algozes!

Tinha deixado cair a cabeça entre as mãos, como se tudo aquillo me houvesse repugnado, embora fosse aquele homem horrorosamente homicida, ao ver-lhe dar a morte que elle temia, a qual nente espalhara pela humanidade.

Delanoue bateu-me no ombro.

— Já acabou, disse elle.

— Ah! já foi executado?

— Quem é que já foi executado?

— Esse abominável Carrier.

— Sim, sim, disse Delanoue, o falta pouco para trinta e quatro annos que essa pequena infelicidade lhe sucedeu.

— Ah! disse eu, fizeste muito bem de me accordar: estava com um pesadelo.

— Ah! estavas dormindo?

— Estava sonhando pelo menos.

— Apro! não sou eu que hei-de dizer isso em casa de M. de Villenave, onde vou-te levar para tomar-mos uma chavena de chá.

— Ah! Bem lho poderás dizer, eu l'o asseguro! hei de contar-lhe meu sonho, e elle ha-de zangar-se comigo.

Neste ponto, Delanoue, ainda duvidoso se eu estava accordado ou sonhando, tirou-me da sala já vazia, elevou-me para um salão de espera onde M. de Villenave estava recebendo as felicitações dos amigos.

Logo que cheguei, fui primeiro apresentado a M. de Villenave, depois a Mme. Mélanie Windsor, sua filha, e a M. Theodore de Villenave, seu filho.

Depois, todos se encaminharam a pé, pela ponte das Artes, para o faubourg Saint-Germain.

Depois de meia hora de marcha, eramos chegados e desappareciamos, uns apoz outros, n'aquelle casa da rua Vaugirard, de que fallei no principio d'este capítulo, e de que vamos dar uma descripção interior, depois de haver desenhado o perfil exterior.

(Continua.)

## A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

### II.

Eram cinco horas da tarde de um dia do mês de Maio.

O sol avermelhado ia-se escondendo no horizonte.

Eramos dois irmãos e o camarada.

Já tínhamos andado cerca de seis leguas, mas seis leguas de montanhas pedregosas, seis leguas que valem dez, seis leguas de Minas enfim. Sahiramos de Baependy e supunhamos estar nas proximidades do arrayal dos Serrancos.

Dizemos supunhamos, porque havia mais de duas horas que andavam perdidos Oh! como é horrível perder o rumo em campo deserto.

O horizonte se estende largo, immenso, aos olhos do viajante extraviado, como o oceano aos olhos do navegante. Uma serie interminavel de morros escalvados, despidos de arvoredo, representando todos os tamanhos e todas as formas possíveis, pareciam mover-se como ondas encapelladas. O susto, o desánimo, o desespero, e o tremular dos raios do sol, do sol que era nossa unica esperança ainda aumentavam a illusão.

Um labirintho inextrincável de fitas de areia de todas as larguras, cortavam-se em todas as direcções, formando angulos de todos os gráos da escala.

Quando desciamos um vallo, parecia que nos tragava um abismo, e quando escalavamos açoitadamente o morro opposto, parecia que surdimos à flor d'agua.

Mas nem uma vella no horizonte, nem uma choupana que nos servisse de taboa de salvação.

O desespero, o desalento, a fadiga dos cavaleiros, infiltrara-se nos animaes. Banhados em suor, anhelantes, mortos quasi, arrastavam-se elles, ou antes eram arrastados de um modo que desesperava.

Como é costume em situações taes não faltaram recriminações e desabafos contra o guia que era o irmão mais moço.

— Bem te dizia eu que andavamos errados!

— Boa duvida.

— Devíamos ter tomado aquella outra estrada.

— Pois então voltemos.

— Mas vossê é que tem a culpa.

— Pois seja minha a culpa, deixará por isso de anoitecer?

Dianto de tal impossibilidade, era impossivel travar uma rixa; porque é sempre o desejo de quem se acha em apuros deitar a culpa sobre outrem.

Emfim o sol sumiu-se de todo, e a noite estendeu por todo o horizonte o seu manto tenbroso e frio.

Alguns minutos depois estávamos todos a tremer de frio.

Um vento gelido e penetrante, como que se nos incrustava, sibilando, por todos os poros.

Chegára a hora da imaginação, depois da hora das juras e das recriminações.

Todo aquelle ermo se povoou de ladrões e quilombolas, que donde quer que estivessem estavam-nos vendendo.

Em todo o charco havia uma giboia com a ponta da cauda enroscada em uma moita, e meaneando o laço que nos havia de esmigalhar.

Um boi deitado na estrada era um tamanduá que nos esperava com os braços abertos.

O campo se revestira de matto annoso, donde sahiam uivos horripilantes da jaguára.

As serpentes sibilavam por toda a parte.

Mas para o camarada, joven como nós, porém mais simples, pois era um feitor, que o amo distrahiria do seu trabalho para nos acompanhar; oh! quanta gratidão devemos! — para o camarada havia ainda outra causa, ou antes a reunião de todos estes phantasmas, personificados em um só, — era o Sacy — o Sacy, autor de todas as nossas desgraças, o Sacy que mudaria a estrada para nos extraviar; e estávamos debaixo do seu poder porque não resáramos (ele tinha notado) ao levantar-nos de manhã.

Não se pôde descrever o desespero com que nos resolvemos a desarranjar os animaes e dormir no meio do campo, ao relento, abandonados.

Galgámos o topo de um morro, e o camarada desarreava os animaes, quando um de nós avisou uma luz incerta.

— Será vagalume? E' muito grande.

— Oh! Meu Deus! é o Sacy!

— Oh! E' uma casa! meu Deus, come sois bom! Vamos, vamos para lá.

Aquella luz era para nós o que é para o naufrago a vela que assoma no horizonte, era a pombinha da esperança, que adejava com o raminho de oliveira no bico, anunciando o fim do diluvio, era a estrella que servia de guia aos Magos perdidos nos areaes do Oriente, em busca do Messias. Uma scentelha electrica, magnetica, desprendeu-se d'aquelle globo luminoso, e correu-nos pelos membros; pareciamos outros: tão rapida é a transição da maior dôr para o maior contentamento.

Os proprios animaes, talvez mais entendedores dos signaes d'aquellos mares, ou porque já ouvissem o latir dos cães que mais tarde ouvimos, não sei onde acharam um resto de vigor para caminhar em demanda da luz.

Receando perder a ultima esperança aban-

nâmes a estrada (e foi a nossa salvação) e andámos para a luz em linha recta.

Atravessando vales e montes cobertos de um capim que nos dava pelos joelhos, já não nos importava quibombolas nem tamanduás, nem temíamos irritar no proprio ninho a indolente cascavel, cujos guizos sentíamos há pouco tão distintamente; o unico cuidado que tínhamos era não perder de vista o pharol que nos guia.

Depois de descrever uma linha recta de cerca de uma legua, distinguimos um grande vulto negro, era uma fazenda.

Um ruido composto de sons heterogêneos vinha-nos ondular aos ouvidos. De repente um som plangente, uma voz de sino abalou o ar e foi vibrando até perder-se na imensidão. Era a hora da oração da noite. Não tardou muito. Um côro composto de mais de um cento de vozes atacou de improviso uma especie de antiphona em *la menor* do mais admirável efeito, pela harmonia e acordo das vozes, e pela simplicidade dos ritmos.

Naturalmente sonhador não era esta occasião para perdêr.

Assim, de cogitação em cogitação, de sonho em sonho, já talvez todos os habitantes da herdade tinhão vindo tomar a bênção ou dar boas noites ao Bachá daqueles domínios, e eu ainda estava ouvindo aquella harmonia que tinha não sei que unção de pranto e de queixume que feria o coração — pois era um canto de escravos — quando a pancada estridente da porteria que caía sobre o portal, restituíu-me à realidade.

Estavamo-nos fundes da casa, o que me fez logo suppor que se não abandonámos a estrada perdiâmos a luz, que já há muito se havia apagado, servindo-nos de guia o latido dos cães que, d'um cercado, anunciam freneticamente gente de fogo.

Não podemos descrever hoje a casa porque a escuridão nol-a occulta, e porque o sonmo que temos, e que temos causado, não nos dá lugar para mais.

## B.

### Opera nacional.

#### I.

Em todos os países um dos primeiros deveres considerado pelos governos é a animação as artes e às letras: — de ambas depende o futuro dos povos, o seu adiantamento, a sua moralidade, a sua civilização enfim.

Esta verdade não tem contestação: de um golpe de vista reconhece-se que é este o pensamento, pode-se dizer tradicional, que em toda a parte que ha governo o povo tem sido posto em prática.

A França que é a nação essencialmente exemplificante,

onda vamos beber todas as noções tendentes ao bom e ao bello; a França — esta arca de todas as glórias em todos os tempos — dá-nos incessantemente provas de quanto devem ser animadas a arte e as letras.

Não é com o patrocínio a tudo e a todos menos á arte prestado, que ella tem sabido animal-a; ali a idéa é tudo, e assim tem ella pensado mesmo no tempo dos Corneille e dos Racine, mesmo no tempo em que a corte ostentava-se no meio de sua desmoralização, no meio da corrupção em que a sensualidade enroupada no luxo e nas galas ia anniquilando.

Não citamos aqui a França com o fim de estabelecermos um paralelo entre nos e aquele povo: nem tão pouco para querermos elevar-nos já até sua altura: fora muito para o menino que ainda dormita sonhar glórias que só com os séculos se adquirem. — *Natura non facit saltus.*

O que pretendemos porém, é mostrarmos que a arte não nos deve ser indiferente e que ligada como está ás letras qualquer animação que se lhe dé é um beneficio a ambas prestado.

Se assim pensassem todos, o theatro e a litteratura outra face tomariam.

Porém o que vemos? — O theatro bastardea a sua nacionalidade, degrada-se desde de sua civilisadora missão, despresa as tendencias, as coisas e os filhos do paiz e nas tradições muitas vezes desmoralisadoras de outros povos, e nas scenas de barbaria e inquisitorias do gosto vai buscar os cinco actos do drama. Mas não é só o theatro que assim procede seguindo o seu caminho desanimador.

Uma instituição tambem ha — é o Conservatorio Dramatico — que longe do que d'elle se devia esperar não tem feito o que lhe cumpria a bem das letras patrias; nenhuma animação lhes dá, pode se dizer — nenhuma.

Ha tres annos propôz um premio ao autor que lhe apresentasse o melhor drama: decorre o tempo e muitos dramas de autores brasileiros foram lhe oferecidos á juizo, mas que desgraça! nenhum era digno do premio, que o mesmo Conservatorio logo depois retirou, como que arrependido de haver sido precipitado.

Dou-vos tal coisa dizem as crianças, si me fizerdes isso: vem o arrependimento: — não era isso quo eu queria, replicam; e para que se não chegue a acertar; — agora não quero mais, terminam dogmaticamente.

O Conservatorio assim procedendo, a paga para a nossa mocidade qualquer lampejo de luz com que a sua intelligencia procure illuminar-se: o theatro vai além, fecha lhe as portas.

— Não são mal cabidas estas considerações quando se trata de restabelecer a opera nacional tantas vezes de cahida e outras tantas levantada. A opera lyrica nacional é uma arte, como o drama também é, e como elle tem a sua literatura.

A inclinação e o gosto do paiz estão de sua parte;

pode-se mesmo dizer que são sentimentos inatos no coração brasileiro e, pois, como não tentar-se ainda uma vez reerguer sobre bases solidas uma instituição de tão lisongeiro futuro?

E tempo de acabarmos com essa vaidade aristocrática pelo lyrismo italiano, é tempo de aproveitarmos tanta beleza natural que a todos os respeitos entre nós vegeta como as plantas de nossas campinas, como as árvores de nossas florestas.

Não será por falta de artistas nacionais, por falta de gosto, por falta de belezas naturais que se neguem favores à nova criação de uma instituição de canto neste gênero; este argumento não procede, por isso que mais de uma vez e em épocas todas diferentes e mesmo excepcionais tem se entre nos estabelecido sociedades, companhias que tem levado a efeito tão bella idéa.

No Rio de Janeiro, Bahia e Minas desde que existem teatros tem existido cantores. As comedias antigas como D. João d'Alvarado, Labyrintho de Creta, Variedades de Proteo, Precípios de Phaeonte, Encantos de Circe, Alecrim e Mangerona, e outras cujos nomes acham-se inteiramente esquecidos, eram intercaladas de arias e duetos, e os seus cantores todos nacionais, por isso que da Europa não vinham elas ao Brasil — colônia.

O Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, homem ilustrado e amante do Brasil, sem despeza do tesouro então denominado real, e que nessa época continha unicamente as quantias necessárias para pagamento das folhas civil e militar, creou uma companhia lírica sob a direção do tenente coronel de milícias Antônio Nascentes Pinto, escrivão do sello da alfandega, que dotado de não vulgar instrução e algum tanto versado em música, aceitou a missão que o Vice-Rei lhe conferira, encarregando-se dos ensaios. Então, como hoje ainda se faz, ele mesmo traduziu em verso português as peças mais em voga naquela época, como Chiquinha, Piedade de amor, Italiana em Londres.

O Desertor espanhol, bem como o Alecrim e Mangerona e outras foram composição de um nosso patrício.

### Uma alma remida.

(Lenda).

Raul, senhor de Bruavant era um nobre e poderoso mancebo, cuja fama corria por toda a parte; o príncipe de Romorantin seu soberano lhe invejava o fausto, a grandeza, as festas, os banquetes e caçadas, que frequentemente atrejava junto a si numerosos amigos.

Em qualquer parte que se desdobrasse o estandarte de Raul, e se visse a aguia e o urso em suas armaduras, todos se descubriam em signal do respeito.

Uma antiga tradição explicava porque no escudo dos Bruavants se viam estes dois animais

Eis o que dizia-se:

No tempo das cruzadas o chefe desta grande família combatia em terra santa. Uma tarde porém em que despindo a sua armadura tinha adormecido junto a uma fonte, ouviu um grito terrível que despertou-o; abriu os olhos e viu não longe de si um urso monstruoso, que lhe observava em signal de ameaça e de cubica. Armar-se era difícil e por isso o cavalheiro cheio de fé dirigiu uma supplica ao Altíssimo. O auxílio de Deus não tardou e uma aguia rasgando o seio das nuvens, desceu sobre o monstro e lhe cavou os olhos, dando-lhe assim tempo para que empunhasse a espada e matasse esse animal feroz. Divulgado o milagre o piedoso monarca S. Luiz decidiu que a aguia e o urso figurassesem nas armaduras dos Bruavants.

Raul era o mais feliz dos homens; seu espírito vagava no oceano dos prazeres e das felicidades. Eis porém o que diziam os legendários contemporâneos.

Nas vizinhancas do castelo de Bruavant erguia-se a abadia de Moulin-Frou. Os abades eram sempre bem recebidos n'aquelle habitação. Os antepassados de Raul tinham as grandes qualidades da coragem do bravo, e da fé do christão.

Da aliança do poder temporal com o espiritual resultou o seguinte: a caza do Senhor recebeu generosos donativos, cujos productos convertidos em esmolas alliviavam os fracos e soffredores. De repente o céo puro e sem maucha annuviou-se, e a harmonia e as relações deixaram de existir entre a abadia de Moulin-Frou e o castelo de Bruavant. Um grande acontecimento tinha tido lugar, Raul era esposo de sua sobrinha, a senhora de Chaumont, sem ter obtido a dispensa necessaria para os laços de consangüinidade. Seu capellão, velho timido e afeito á obediencia, abençoou a união; porém o abbadado de Moulin-Frou citando para seu tribunal o terrível vizinho, condenou-o a fazer a confissão publica do seu delicto e a dar á abadia a floresta de Bruavant.

Ora, Raul que era grande caçador, por certo não poderia renunciar a um dos seus melhores prazeres. Em consequencia respondeu á notificação ecclesiastica prohibindo expresamente aos frades de Moulin-Frou de passarem por suas terras debaixo de qualquer pretexto.

Tão grande violencia moveu uma guerra surda entre estas duas entidades; não obstante, Raul muitas vezes sentiu a voz da piedade vencer-lhe o orgulho, mas sempre que o seu ressentimento estava prestes a ser apagado e esquecido, um incidente vinha avivar-o.

Assim aconteceu uma manhã.

O Sr. de Bruavant, rodeado de grande comitiva estava prestes a montar a cavalo para uma caçada quando foi surpreendido por sua esposa, que vinha toda chorosa e envergonhada referir-lhe a affronta que acabava de sofrer.

O abade Moulin-Frou tinha instigado os desgraçados a recusarem sua esmola, dizendo que a esmola de uma pagã não podia ser aceita por Deus.

Raul ouvio encollerizado a narração de sua esposa; depois, montou a cavalo e em um instante embrenhou-se na floresta com toda a sua comitiva.

O senhor de Bruavant foi sempre um bom discípulo de Saint-Hubert; a caçada foi sempre o seu divertimento favorito. N'aquele dia porém as peripécias da caça não podiam distrahir-o, elle era indiferente ao som das trompas, das cornetas, do latir dos cães e de mil vozes que reunidas faziam um concerto infernal.

De repente ao lado de uma encruzilhada, o cavalo em que ia montado Raul, parou espantado diante de uma procissão que desfilava por uma das avenidas lateraes,

Era o abade de Moulin-Frou e os seus frades que levavam o viatico a um doente.

Tão rapido como o raio, Raul saltou em terra e apresentou-se diante do seu inimigo.

— Frade, lhe disse Raul, — não te prohibi expressamente de passar por minhas terras?

Sua voz tremia e tinha uma inflexão que amedrontava; a colera enrubesia o seu semblante.

— O abade mostrando o santo ciborio, respondeu com altivez: — Só Deus é o meu senhor e senhor de todos, é em seu serviço que eu atravesso esta floresta.

— Não irás mais longe, tornou Raul, tomando o braço de seu interlocutor e sacudindo com tal raiva e violencia, que o vaso sagrado caiu-lhe das mãos, e as santas hostias espalharam-se pelo chão.

Ouviu-se um grito de espanto e de indignação nas fileiras dos espectadores; este acto sacrilego tinha produzido espanto entre os cidadores, e indignação entre os frades.

— Calcaste aos pés o corpo do Salvador do mundo, disse com ameaçadora magestade o abade de Moulin-Frou, Deus te perdoe!

— Basta! replicou Raul com um sorriso impio, a aguia de Bruavant esmagará em suas garras teu bastão abbacial, e tua mitra ficará mal accommodada entre as unhas de meu ursa.

— Conserva a tua cegueira que um dia o raio da justiça divina te fulminará. Então, sobre senhor, verte-has vergonhosamente expulso desta castellania, que te fez tão altivo, e eu tomo o céo por testemunha, como ahi não entrarás sem que a aguia voo sobre tua cabeça e o ursa lamberá

tuas mãos. Deus pode animar a pedra do teu escudo, porém elle não faz milagres senão a favor de seus eleitos. Arrepende-te! arrepende-te!

Durante esta troca de palavras, os frades reuniam as hostias, e os companheiros do Sr. de Bruavant o arredavam do lugar, temendo novas violencias. O abade de Moulin-Frou e sua comitiva continuaram seu caminho, em quanto a caça retomava a sua marcha interrompida. Porém a emoção da scena escandalosa e terrível que teve lugar abalava ainda os corações e uma indefinível indisposição gelava o prazer, e insensivelmente diminuia o numero de hóspedes e convidados que acompanhavam Raul. E' que cada um antevia as terríveis consequencias do sacrilegio, e retirando-se procuravam abrigar-se de toda suspeita de complicidade.

Uma hora depois da partida do abade de Moulin-Frou, o senhor de Bruavant era unicamente seguido de seus criados; como ao sopro da tempestade as folhas são dispersadas pelo outono, todos os seus amigos se tinham dispersado, afugentados pelo vento do temor.

Embebido em t'istes pensamentos, Raul não tinha notado esta deserção, porém foi necessário aperceber-se della quando seus picadores assustados por este abandono, pararam diante dele, parecendo esperar por novas ordens.

— Ah! disse, lançando um olhar em torno de si, os temores começam....

Pois bem! chamem os cães e entremos em nossa habitação.

## II.

Dois dias depois da scena que teve lugar entre Raul e o abade Moulin-Frou, um arauto do Conde de Romorantin trouxe ao senhor de Bruavant uma ordem para comparecer ante seu soberano, a fim de responder sobre os delictos execraveis e condemnaveis ao chefe supremo.

Raul irritado secretamente pela reprovação tacita, que denunciava a partida occulta de seus hóspedes, tomou o pergaminho e esmagou com o pé o sello de cera vermelha onde se liam as armas do Conde de Romorantin; depois despedio brutalmente o mensageiro, dizendo-lhe que advertisse a seu senhor que suas muralhas eram boas, as grades solidas e seus archeiros convenientemente exercitados.

Não se fez esperar por muito tempo a repressão desta insolencia.

Uma manhã a ronda tinha visto afixada na porta secreta do senhor de Bruavant uma sentença de excommunicão contra elle, e todos os que antes do sol descahir no horizonte não tivessem abandonado seu serviço.

A noticia transmittida a quem mais interessava, a bulla foi despedacada com colera, e para

fatal-a, Raul ordenou a seus homens de armas  
ao perseguissem todos os vassalos da abbadia  
que fossem encontrados em seus dominios e os  
afogassem sem mais informações.

Porém o mesmo terror que tinha afastado de  
os gentis homens actuou sobre seus criados ;  
sol dourava ainda o cimo das florestas e já os  
mores de Bruavant achavam-se sós no cas-  
telo.

D'este modo as lanças do Conde de Ro-  
morantin não acharam dificuldade em apos-  
tar-se dello, e uma semana não tinha decor-  
rido e já Raul esperava no fundo de uma mas-  
sorra o que decidiria delle seu nobre soberano.

No dia do julgamento, com os braços carre-  
ados de cadeias compareceu ante um tri-  
unal composto de todos os barões e viscondes  
de Solonha. Procedeu-se ao interrogatorio, ne-  
hum dos factos articulados contra elle foram  
igados, limitando-se tão sómente a negar a  
aliga inimizade quo existia entre Bruavant e  
Moulin-Front. Os juizes não acharam uma só  
circunstancia attenuante do crime, e em conse-  
nuencia condenaram Raul, senhor de Bruavant,  
dez mil escudos tornezes de multa e ao des-  
tro perpetuo, ficando suas terras sob se-  
uestro.

A senhora de Bruavant veio pagar a multa  
disputada, entregando seus braceletes, todas as  
suas joias e até sua coroa senhorial.

Quando pesaram-se os marcos de ouro e de  
rata, e as pedrarias, o Conde de Romerautin  
vaiou-se e disse :

— Raul, um mez te é concedido para sa-  
tos do bello reino da França, que deshonraste  
i teus sacrilegios e brutalidades para com um  
os seus dignos pastores.

— Nobre Conde, respondeu o sentenciado,  
me submetto à vossa sentença, ella é justa ;  
niente peço ao meu acusador que está presente  
cumprimento de uma promessa.

— Que promessa ? disse o abade de Moulin-  
Front ?

— Vós me anunciastes que eu não entraria  
a Bruavant, senão quando a aguia voasse so-  
bre minha cabeça e o urso me lambesse as  
lhos.

— Sim.

— Pois bem ! se Deus, clemente e bom fizer  
milagre de animar a pedra de meu escudo,  
derei entrar, perdoado, na habitação de meus  
tepassados ?

— Sim, porque se Deus fizer este milagre  
sereis um de seus eleitos.

Vinte e dois annos depois do desterro  
Raul, uma santa personagem percorria  
terrás incultas da Solonha, curando os doentes,

aliviando os pobres e consolando os afflictos.  
Dizia-se que tinha vindo da terra santa onde  
durante longos annos tinha sido a honra e a ede-  
ficação da Thebaida, não se preocupando senão  
de chorar e supplicar, arriscando-se a morrer  
de fome se uma aguia e um urso milagrosamente  
não provesssem as suas necessidades.

Por toda a parte onde passava, via-se a aguia  
esvoçando sobre sua cabeça e o urso lamben-  
do-lhe as mãos

Era Raul, que, pela penitencia tinha remido  
seu sacrilegio, e a quem Deus permitiu entrar  
em Bruavant, onde fundou um convento reli-  
gioso, que existiu até a Revolução.

*Ver. de R.*

### O mar e a vida.

O mar é uma imagem da vida.

O oceano tem os seus fluxos e refluxos, as  
suas crescentes e minguantes ; na vida ha tam-  
bem o fluxo e refluxo de risos e lagrimas, de  
prazeres e de dôres; ha tambem intermitencias.

O oceano mostra-se ás vezes sereno como o  
lago, cujas aguas o vento não move nem agita,  
representa-se liso como o espelho; outras vezes  
mostra-se tempestuoso, negro, revoltado, for-  
mando as suas ondas montanhas e abyssos ;  
assim é a vida, ora tranquilla, serena como o  
sonno da criança, ora agitada pelos ventos das  
paixões, e tenebrosa e feia como a noite da  
tempestade.

E' desconhecida a exacta profundezas do mar;  
em certos lugares é um mysterio para a sonda do  
marítimo ; e o que é a vida, esse espirito, esse  
princípio que anima os corpos ?

Os sabios, os doutos, os philosophos de todos  
os tempos, não tem podido concordar as suas  
opiniões sobre este mysterio da criação.

Quando perguntáram a Pascal o que era a  
alma, esse sabio respondeu — não sei.

O oceano immenso, sublime, é um symbolo  
da grandeza de Deus : é o espelho do universo,  
onde se reflecte toda a omnipotencia do Creador.

E a vida !

E' um sopro do Omnipotente, que dá intelli-  
gencia, movimento e sentidos ao homem, é um  
mysterio grandioso, que só pôde ser criado pelo  
Supremo Architecto.

As aguas do mar não param, estão sempre  
em movimento dos polos para o equador, e d'ahi  
para os polos ; e o que é a vida, senão o molho  
continuo de percepções e sensações !

A agua do mar é sobreca regada de saes, é  
acre, e é pela evaporação, que ella perde os seus  
principios salinos, tornando-se clara e pura ; e

a vida, a alma, não é pela ascenção ao céo, que se purifica, que se regenera, e que se torna digna de habitar com Deus?

Um poeta diz: o oceano tem dois polos, a vida tambem os tem; o berço e o túmulo.

Azevedo.

### Revista de theatros.

**SUMMARIO.** — Um pedido a leitora. — Uma carta. — **GYMNASIO.** — Uma bella comedia. — S. Pedro. — Observações.

Diogenes queria um homem, o *lazzaroni* procura uma garrafa, eu só peço, só trabalho para alcançar — um olhar.

Uma diferença apenas: o vaidoso philosopho não alcançou nada, o *lazzaroni* alcança difficilmente: eu, desculpe a fatuidade, tenho alcanceado com facilidade o que procuro.

Não o negue, leitora, não o pode negar. Demais que monta isso? Depois de um sonno agradavel — um folhetim. Mas para esse folhetim um olhar complacente, penetrante, curioso; ahí tem!

Ora, esse olhar, que agradeço aqui do meu tonel literario é o que eu peço com mais instancia hoje; um olhar complacente; mais rada.

A leitora far-me-há esse favor; terá um olhar benevolo para estas linhas magras, como um poeta de alhos. Eis ao que vem este preambulo.

Acho-me na verdade ligado, optando entre a ausencia de materia e necessidade de escrever; os dous rochedos da Odysséa. Em linguagem mais terra-à-terra chama-se isto uma entalação, o que é expressivo em toda a extensão do vocabulo.

E' uma perfeita entalação. Fallar de que?

Tudo é velho; e eu temo cahir em uma repetição.

Mas como é necessário começar por alguma coisa, vou transcrever um bilhete de um amigo. E' um simples bilhete; reporto-me à sua opinião, — e sanciono de bom grado as suas palavras.

Ell-o na integra:

*My dear.*

Parto hoje para fóra; o cavallo está prompto. Não posso lá ir; por isso faço-te daqui as minhas despedidas.

Julguei encontrar-te, terça-feira, no Lyrico, mas inutil. Nem soñbras tuas! Procurei-te por toda a parte, saguão, corredores, nada! Só me faltava uma lanterna para ser Diogenes.

\* Depois de muito procurar encontrei-me com o Jorge que me disse estares no Gymnasio. Quis ir lá, mas uma cabeça loira como a estrela da tarde m'o impedio. Fiquei.

\* Entretanto quero pagar-te um logro com um

obsequio: escrevo-te esta carta com duas linhas sobre o espetaculo.

\* Correu a pça como sempre. Os *Martyres* foi sempre uma bella partitura. E' verdade que o *Mirate* não vai ao Tamberlik, apesar que se diz por ahi — mas contudo eu sou sempre dos primeiros a applaudir-o.

\* A *Medori* foi applaudida estrondosamente; e n'occhia! Não sou medorista, e já ves que sen insuspeito. Não son tambem dos que levam de relogio na mão a marcaro tempo de uma nota daquelle garganta; mas dei com muito gosto as minhas palmas.

\* Já ves que a minha linguagem não pode ser tachada de oficial, confio no teu bom senso.

\* Gostei muito e muito do *credo* que o *Mirate* canta com expressão e sentimento: o dueto final fez furor; o publico chamou os artistas no fan, e fez-lhes uma ovacão completa.

\* De volta da minha viagem, lá voltarei aos *Martyres*; gosto daquelles rasgos de harmonia, que reveilam ao longe a alma revolucionaria do Verdi; é um dos mais bellos livros da literatura musical.

\* Bate a hora. E' preciso partir; adeus. Dá lembranças minhas ao El. e ao Ramalho; e deseja-me uma boa viagem.

Teu

B.

Exigir mais do que isto de um amigo que tem o pé no estribo, é ser cruel, e a leitora deve necessariamente contentar-se com isto — assim como eu.

Que quer que lhe diga do Gymnasio? Já lhe falei no *Luiz*; e a comedia *Meu nariz, meus olhos, minha boca*, já a leitora conhece de certo. É uma das mais chistosas producções do gosto francez — e que o theatro deve dar-nos uma vez por outra, como uma bella distracção. Uma observação, porém. O Sr. Militão no papel de *Baltimore* é mais característico, mais original que o Sr. Heller no de *Van-Truffel*, o hollandez. Este agrada menos. E tem razão. O Sr. Heller fica deslocado na comedia: o drama é a sua esphera. Desde S. Pedro que os papeis graciosos repugnam ao joven actor.

O Graça, o inimitável Graça vai aqui como sempre, altamente perfeito.

O *Luiz* foi ainda e será applaudido. Não me farto de ir ver aquelle excellente drama; e aconselho o mesmo á leitora. Não?

Em S. Pedro houve uma das antigas tragedias, *Nora Castro*. Não entro na apreciação dessa producção, poque é demais conhecida. Eu só admito a *Nora Castro* como uma pagina de bellos versos. Entretanto uma observação não vem fóra de tempo.

Apprecio o Sr. João Caetano, conheço a sua posição brillante na galeria dramatica de nossa terra. Artista dotado de um raro talento escreven muitas das mais bellas paginas da historia da art. Havia nelle vigorosa

iniciativa a esperar. Desejo, como desejam os que protestaram contra a velha religião da arte, que debaixo de sua mão poderosa a platéa de seu theatro se edique e tome uma outra face, uma nova direcção; ella se converteria de certo ás suas idéas e não oscillaria entre as composições-múmias que desfilam simultâneas em processão pelo seu tablado.

Seria a cupola do seu Capitolio. As bençãos da reforma lhes cobririam a cabeça; e as maldições dos fósseis, se os houvessem, não lhes faria mal nenhum.

A leitora concorda de certo comigo; é a minha primeira victoria.

*Minha sobrinha e meu urso*, comedia de que já falei em uma revista, repetiu-se ainda em S. Pedro. Fallando com franqueza, o Sr. Martinho, no papel que desempenhou, e que lhe estava no carácter, não foi acompanhado por seus collegas. O Sr. Barbosa, seria bom que não exagerasse tanto a voz, nem o gesto, o que o torna desagradável.

A arte tem raias; é preciso não exercel-a na clave da hilaridade pública.

O Sr. José Luiz no limitadíssimo papel de criado agradou-me; caracterisou-se bem.

Não tenho mais espaço. E' força acabar.

Agora esse olhar complacente que lhe pedi, leito a por que depois desta revista tão sem sabor, tão a o correr da pena, careço de uma benevolencia e uma esperança de melhores paginas.

M.-as

## A morte de Junqueira Freire

Do retiro claustral cysne sagrado  
O vôo desprendeu!  
Enchendo os ares patrios de harmonias  
Cantou depois morreu!  
  
Misterio! — Ave creada entre os altares,  
Acaso a turba impura  
P' o mundo com seu bafo envenenado  
Abrio-te a sepultura?!

Fundindo-te o despresso de seus lares  
O Anjo de São  
Por ordem do Senhor tão presto deu-te  
A nforça, em punição?!

Preso o espirito, acaso, nas cadeias  
Do voto eterno e forte  
Teve, na lucta acerba espadecendo-as.  
Por liberdade a morte?!

Misterio! — Respeitemos n'esta campa  
Decretos divinaes!  
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca  
O pranto e nada mais!

Rei que fora! — Era um servo que devia  
A vida ao Senhor seu!  
Seu Senhor o chamou, a voz ouvio-lhe,  
E prompto obedeceu!

Puvidais do que digo? — Erguei a campa...  
Esse corpo o que é?!

E negareis ainda que era um servo?...  
— Abi tendes a librê!

Viveu como poeta, de poeta  
Deixou o canto e a fama.  
— Iuda no crâneo morto tem — bem vedes  
Do louro verde a rama!

Leste-lhe a poezia? Eram arquejos  
D'um coração afflito!  
De uma alma que ensaiava na materia  
Os voos do infinito!

Vouo!... Cysne de luz adeja livre  
Mão grado a humanidade!  
Os hymnos dos archanjos são seus hymnos  
Seu mundo — a eternidade!

S, Rabbelly.

## Louvores a Deus.

### I.

Da diurna carreira já cansado  
O sol no dorso alpestre da montanha  
Enfermo se reclina  
Com regia magestade; e o ceo doirada  
Fugitivo clarão tepido banha  
O valle e a collina.

Após lá vem de sombras um gigante  
Se erguendo manso e manso do oriente,  
De mesto horror sublime.  
Qual rou ador que espreita vigilante  
Thesouro occulto e aguarda impaciente  
A hora para o crime.

Ei! o como já sofrego se arroja  
Ao leito aonde radiante expira  
O astro soberano,  
De cujas galas avido o despoja  
E o seu cadaver magestoso atrai  
Ao seio do oceano.

A lua pelo espaço lacrimosa  
Triste discorre o occaso demandando  
Em extasi supremo,  
Para imprimir-lhe pallida e saudosa  
No tumulo deserto — o venerando  
Beijo de amor extremo.

Como gotta do pranto amargurado,  
Que ella veriera entregue ao delirante  
Frenesi da saudade,  
Do céo no infido paramo asulado  
Verte a estrella da tarde no levante  
Suave claridade.

Viuva do seu rei, a natureza  
Aos brandos ais da fonte do deserto  
Melancolica gem ;  
Triste suspira a brisa da deveza  
E sobre a costa, em funebre concerto,  
O mar saudoso freme.

Plangente o sino da capella troa,  
Avisando que é morto o rei do dia ;  
E o seu troar em pranto  
Em cada coração na terra echoa  
Quando a humida noite vem sombria  
Envolve-a em seu manto.  
  
E a voz com que o tumulo nos brada  
Na foz da eternidade para onde,  
Vamos em romaria :  
« Está mais perto o termo da jornada  
« Que nos mysterios do porrir se esconde  
« Com a luz do eterno dia. »  
  
E esse painel de estrellas que lampjaam  
Por entre o immenso vêo da noite escura  
E' a pennugem de ouro  
Que aos anjos cahe das azas, quando adejam  
Do sol cantando em torno a sepultura  
Seu hymno immorredouro.  
  
Cahe-lhes das azas e gentil reflecte  
Do astro defuncto a luz pallidamente  
Como padrao de gloria !  
Assim preclaro o nome se repete  
De morto heroe, gravado eternamente  
Dos homens na memoria.

## II.

Que harmonia indefinivel  
Não resumba da tristeza,  
Sublime da natureza  
Na hora do sol se por !  
E que celeste doçura  
Na dolorosa harmonia  
Que o extremo arquejar do dia  
Sobe ao throno do Senhor !

Se na te onde a vida  
Resvalha entre riso e pranto,  
Se gosa tão doce encanto  
Na hora do sol se por,

Que delicias ineffavéis  
Os anjos não gosarão  
La na celeste Syão  
Junto ao throno do Senhor !  
  
Em terra, Julia, os joelhos  
Humildemente dobrarão  
E louvores entoemos  
Do bem ao Supremo Autor  
Que extraíudo a luz das trevas,  
Com a luz vida nos deu,  
E a vida nos encheu  
De puro, suave amor.

Setembre 1859.

Gomes de Souza.

## Notícias à mão.

O Sr. Gaspar Antonio da Silva Guimarães, dono de um estabelecimento na rua de S. Pedro n.º 126, onde se fazem primorosos retratos a daguerreotypy e photographados, acaba de fazer a aquisição de tres artistas estrangeiros, com o auxilio dos quaes, apresenta em sua casa duas reformas na arte. São a reprodução pelo processo de ambrotypia sobre couro de verniz, e uma delicada photographia aperfeiçoamento sobre os outros sistemas.

Vimos exemplares de uma e outra cousa; e podemos asseverar que são de grande mérito. A photographia é um busto, cuja parte inferior se perde no vapor de um sombreado perfeito. O outro, sobre couro de verniz, é também de uma delicadeza admirável. Além da perfeição de feições e da expressão physionómica, ha a grande qualidade de se não quebrar a crosta de colodion sobre que se opera a reprodução.

O Sr. Gaspar Guimarães apresentará ao publico o seu prestimo e o de seus companheiros desde segunda feira, em que se pôde lá ir verificar o que acabamos de expor.

Estes retratos de couro, além de todas as vantagens, tem ainda a de pôr ao alcance de todos o retratar-se por aquelle bello sistema. Cada retrato custa apenas dois mil réis. E' o mais modico possível.

Brevemente encetaremos a publicação de uma — Galeria dramática — biographias e um retrato correspondente. O photographo é o Sr. Gaspar Guimarães, e o biographo é o Sr. Machado de Assis.

## TYP. COMMERCIAL

DE  
F. O. QUEIROZ REGADAS  
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N.º 9.  
1859.